

FOTO: EDILSON DANTAS / AGÊNCIA O GLOBO

Nesta última Semana Epidemiológica (SE 27), de 4 a 10 de julho, observa-se a manutenção, pela terceira semana consecutiva, de uma tendência de queda de indicadores de incidência e mortalidade por Covid-19. Entretanto, o número de casos e de óbitos por dia ainda permanece num patamar elevado. Ao mesmo tempo, a alta taxa de positividade dos testes demonstra uma intensa circulação do vírus. No que se refere às taxas de ocupação de leitos de UTI Covid-19 para adultos no SUS, observou-se que, entre 5 e 12 de julho, o quadro geral do Brasil continua sendo de melhora, mantendo a tendência das últimas semanas.

Segundo os pesquisadores do **Observatório Fiocruz Covid-19**, responsáveis pelo Boletim, o alinhamento entre as tendências de queda da incidência de casos novos e da mortalidade, bem como a tendência de redução da ocupação de leitos de UTI, refletem uma nova fase da pandemia no país, em que a vacinação tem feito diferença, “o que reflete na mudança positiva no quadro pandêmico na medida em que é ampliada”. Porém, ressaltam, não se pode deixar de destacar que as vacinas disponíveis apresentam limites em relação ao bloqueio da transmissão do vírus, que continua circulando com intensidade.

“As vacinas são especialmente efetivas na prevenção de casos graves. A preocupação com a possibilidade de surgimento

de variantes com potencial de reduzir a efetividade das vacinas disponíveis é pertinente e não pode ser perdida de vista”. Eles ressaltam a importância de que a população mantenha as medidas de distanciamento físico social, uso de máscaras, cuidados com a higiene das mãos e que não deixe de se vacinar, conforme o calendário dos municípios.

“Ao mesmo tempo, cabe ao SUS a adequação das práticas de vigilância em saúde e o reforço da atenção primária à saúde, que se tornam fundamentais neste momento. Os gestores podem ter uma atuação mais efetiva implementando um plano de testagem ampliado. Além disso, é preciso dar suporte às equipes de saúde, que a partir da testagem bem orientada, podem identificar pessoas infectadas e seus contactantes precocemente”, afirmam os pesquisadores.

Os cientistas enfatizam que assim será possível aconselhar e acompanhar a evolução dos casos por meio de visitas domiciliares, consultas agendadas em unidades básicas de saúde e telessaúde, como já vem ocorrendo em alguns municípios. “Por outro lado, a redução da pressão por internações nos hospitais, públicos e privados, também é uma oportunidade para retomar o atendimento ambulatorial e hospitalar de demandas que ficaram represadas ao longo da pandemia e programar as cirurgias que foram adiadas”.

Casos e óbitos por Covid-19

Na última Semana Epidemiológica, de 4 a 10 de julho, foi observada uma continuidade da tendência de queda de indicadores de incidência e mortalidade por Covid-19, que já se mantém pela terceira semana consecutiva. No entanto, é importante salientar que os números de casos (média de 46.700 casos novos por dia) e de óbitos (1,3 mil óbitos por dia) são ainda muito elevados. Além disso, a taxa de positividade dos testes permanece alta, o que mostra a intensa circulação do vírus. O número de casos e de óbitos vêm caindo há três semanas em cerca de 2% ao dia. Esses e outros dados para monitoramento da pandemia em estados e municípios podem ser acessados pelo sistema MonitoraCovid-19.

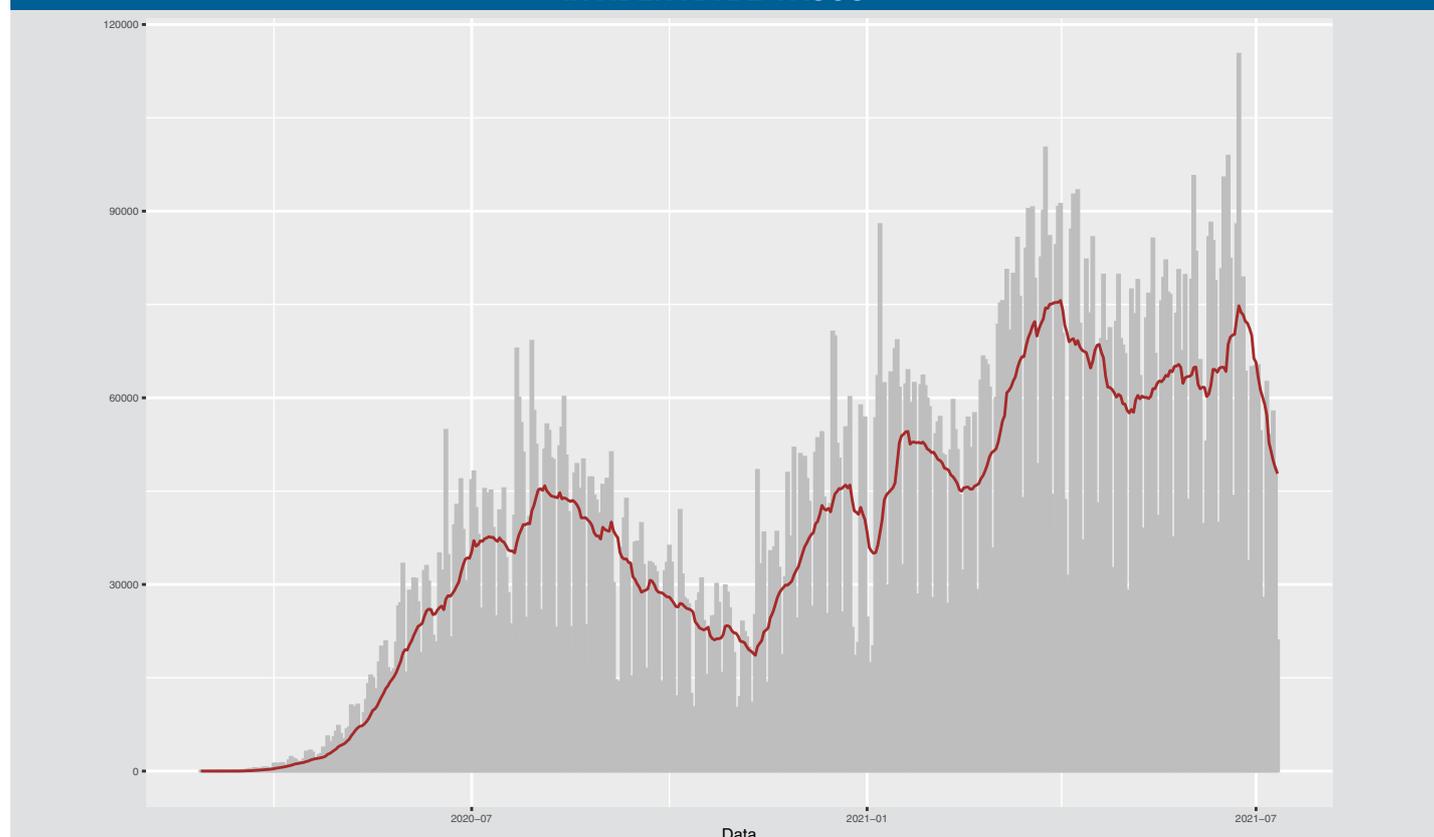
Segundo os pesquisadores do Observatório, responsáveis pelo Boletim, o alinhamento entre as tendências de incidência de casos novos e da mortalidade pode indicar um processo de arrefecimento mais duradouro da pandemia para os próximos meses, o que somente será alcançado com a intensificação da campanha de vacinação, a adequação das práticas de vigilância em saúde, reforço da atenção primária à saúde, além do amplo

emprego de medidas de proteção individual, como o uso de máscaras e o distanciamento físico e social. “A circulação de novas variantes do vírus pode aumentar a sua transmissibilidade, sem que isso resulte em um aumento no número de casos graves que necessitem internação”, ressaltam.

A análise aponta que a tendência de redução da ocupação de leitos de UTI em alguns estados pode ser um reflexo da nova fase da pandemia no país, em que a transmissão permanece intensa, gerando casos mais graves entre grupos populacionais não vacinados ou potencializados pela vulnerabilidade individual e social, ao mesmo tempo em que se reduzem os óbitos e internações entre alguns estratos de população, como os idosos e portadores de doenças crônicas.

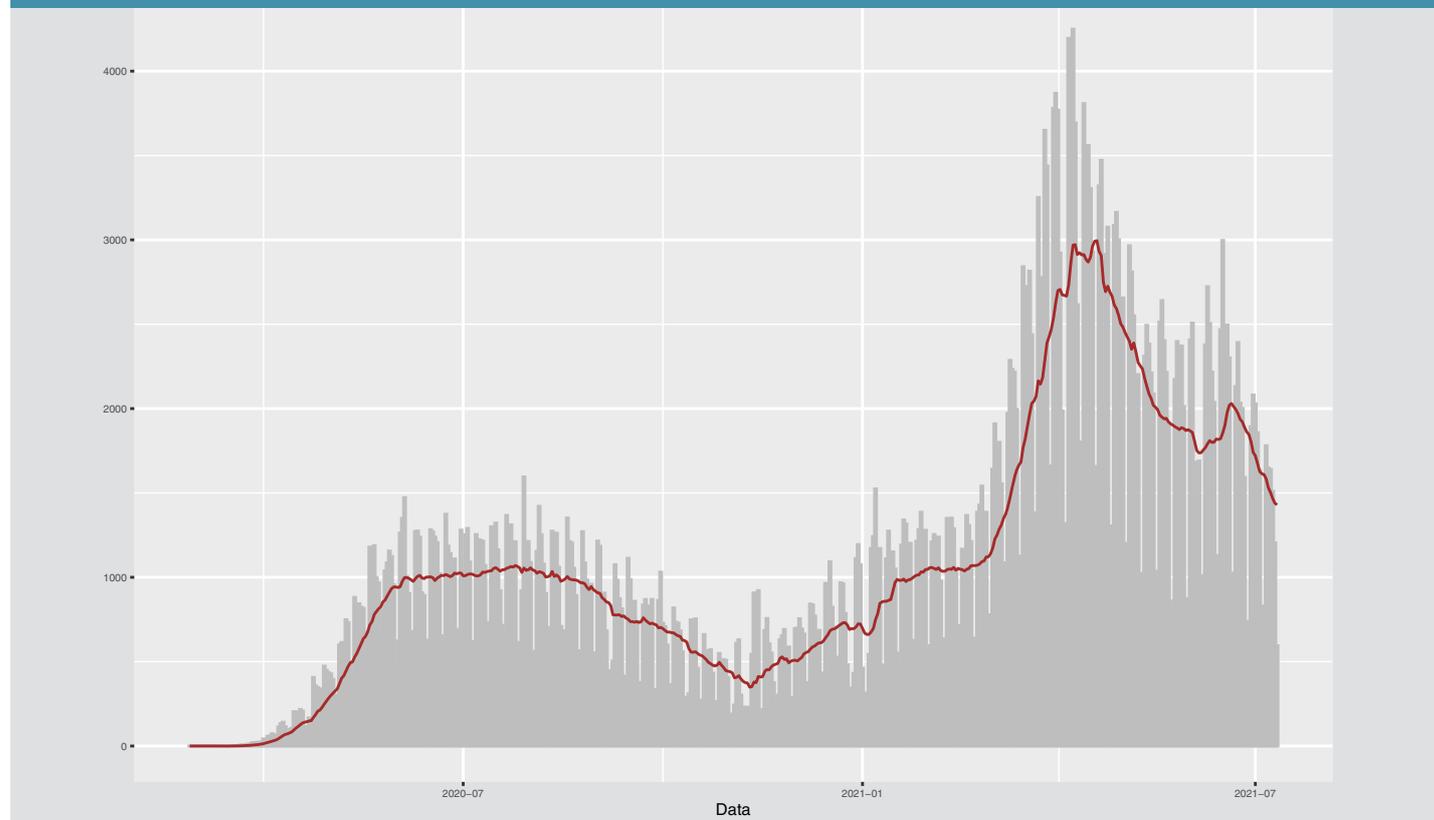
Foi observada a manutenção da taxa de letalidade, dada pela proporção de casos que resultaram em óbitos por Covid-19, em torno de 3%, valor que ainda é considerado alto. Os valores elevados de letalidade em alguns estados revelam falhas no sistema de atenção e vigilância em saúde, como a insuficiência de testes diagnóstico, da triagem de infectados e seus contatos e da identificação de grupos vulneráveis.

INCIDÊNCIA DE CASOS



Observatório Covid-19 | Fiocruz

INCIDÊNCIA DE ÓBITOS



Observatório Covid-19 | Fiocruz

Leitos de UTI para Covid-19

O quadro geral brasileiro continua sendo de melhora nas taxas de ocupação de leitos de UTI Covid-19 para adultos no SUS, mantendo a tendência das últimas semanas. Apenas quatro estados da Região Norte (Rondônia, Amazonas, Pará e Tocantins) e Goiás, Centro-Oeste, apresentaram crescimento no indicador entre 5 e 12 de julho.

No Norte, os aumentos nas taxas observados em Rondônia e Pará, de 59% para 60%, e de 55% para 61%, levaram esses estados novamente para a zona de alerta intermediário. “Esse cenário não chega a configurar situações preocupantes, mas de alerta”, observam os pesquisadores.

O Amazonas e o Tocantins permanecem na zona de alerta intermediário, com crescimentos, respectivamente, de 62% para 70% e de 71% para 75%, “o que, especialmente no primeiro caso, deve ser acompanhado com atenção”. O Acre (26% para 24%) e o Amapá (50% para 47%) mantêm-se fora da zona de alerta, enquanto Roraima (97% para 74%) deixa a zona de alerta crítico e entra na zona de alerta intermediário, com a reposição de 15 leitos de UTI.

Tendências de queda no indicador continuaram sendo observadas no Nordeste, Sudeste, Sul e no Centro-Oeste, no estado de Mato Grosso no Sul. Maranhão, de 75% para 68%, Piauí, de 75% para 68%, Ceará, de 73% para 67%, Rio Grande do Norte, de 57% para 55%, Paraíba, de 49% para 39%, Pernambuco, de 63% para 62%, Alagoas, de 66% para 60%, Sergipe, de 56% para 50%, Bahia, de 70% para 62%, Minas Gerais, de 70% para 64%, Espírito Santo de 63% para 55%, Rio de Janeiro, de 59% para 57%, São Paulo, de 72% para 66%, Paraná, de 89% para 81%, Santa Catarina, de 85% para 82%, Rio Grande do Sul, de 76% para 73%, e Mato Grosso do Sul, de 74% para 68%. Mato Grosso e Brasília mantiveram-se com certa estabilidade, com as taxas caindo de 76% para 75% e 82% para 80%, respectivamente. Já Goiás mostrou crescimento do indicador de 74% para 81%, voltando à zona de alerta crítico.

Pela primeira vez, desde o início de dezembro de 2020, nenhum estado apresenta taxa de ocupação superior a 90%. Na zona crítica, com taxas próximas à divisa com a zona de alerta intermediário, encontram-se Paraná (81%), Santa Catarina (82%), Goiás (81%) e Distrito Federal (80%). Dezoito estados estão na zona de alerta intermediário ($\geq 60\%$ e $< 80\%$): Rondônia (60%), Amazonas (70%), Roraima (74%), Pará (61%), Tocantins (75%), Maranhão (68%), Piauí (64%), Ceará (67%), Pernambuco (62%), Alagoas (60%), Bahia (62%), Minas Gerais (64%), São Paulo (66%), Rio Grande do

Sul (76%), Mato Grosso do Sul (68%) e Mato Grosso (75%). Sete estados estão fora da zona de alerta: Acre (24%), Amapá (47%), Rio Grande do Norte (55%), Paraíba (39%), Sergipe (50%), Espírito Santo (55%) e Rio de Janeiro (57%).

Capitais

Quatro capitais estão com taxas de ocupação de leitos de UTI Covid-19 iguais ou superiores a 80%: São Luís (81%), Rio de Janeiro (81%), Goiânia (92%) e Brasília (80%). Onze capitais estão na zona de alerta intermediário, com taxas iguais ou superiores a 60% e inferiores a 80%: Manaus (70%), Boa Vista (74%), Palmas (63%), Teresina (sem informação direta; número estimado em torno de 60%), Fortaleza (65%), Belo Horizonte (67%), São Paulo (61%), Curitiba (77%), Porto Alegre (69%), Campo Grande (79%) e Cuiabá (62%). Doze capitais estão fora da zona de alerta: Porto Velho (57%), Rio Branco (24%), Belém (48%), Macapá (52%), Natal (53%), João Pessoa (40%), Recife (50%), Maceió (55%), Aracaju (50%), Salvador (52%), Vitória (54%) e Florianópolis (53%).

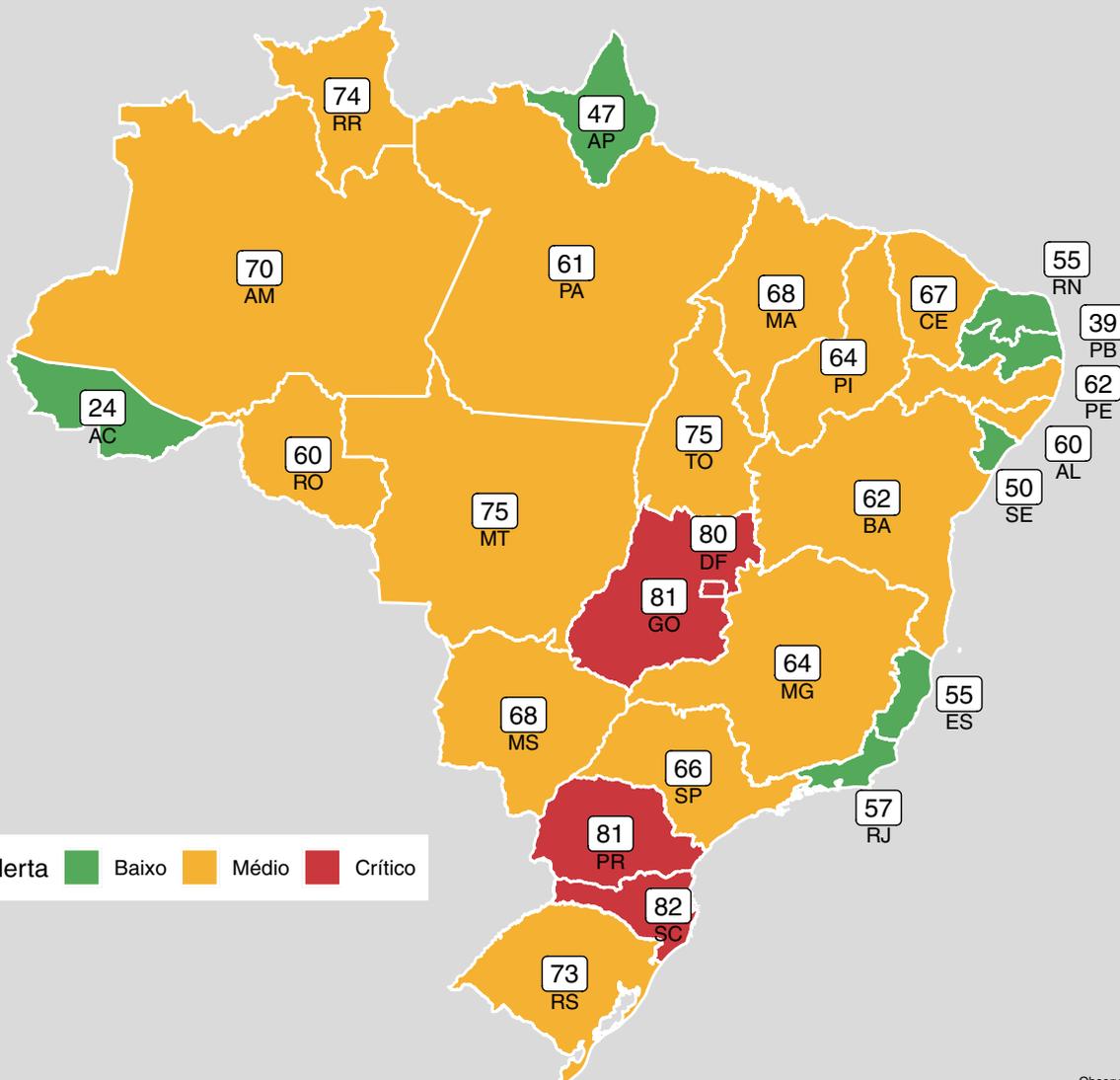
As taxas de ocupação de leitos de UTI Covid-19 para adultos no SUS, obtidas em 12 de julho, levantam alerta em relação à Região Norte. “Mas, a priori, se avalia que as mudanças observadas podem estar dentro de margem de variabilidade. Goiás surpreendeu negativamente com o aumento substantivo na taxa de ocupação de leitos de UTI e a capital acima de 90%”, afirmam os cientistas.

Em termos gerais, segundo a análise, os dados continuam ratificando a tendência de melhora na situação da Covid-19 no país, em consonância com os indicadores de incidência e mortalidade. O estudo reforça que a vacinação tem feito diferença, o que reflete positivamente no quadro pandêmico na medida em que é ampliada.

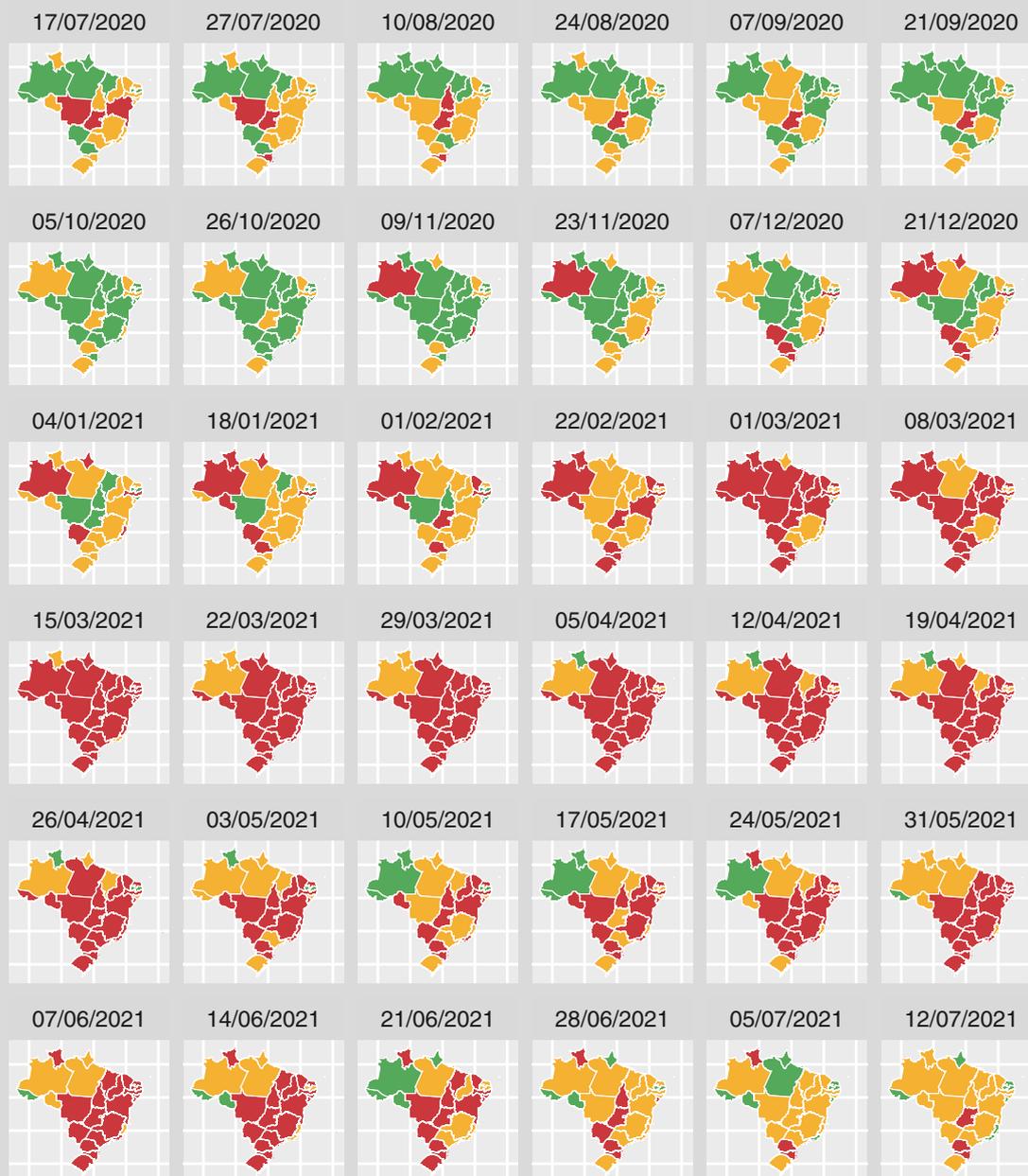
“Porém, é importante destacar que as vacinas disponíveis apresentam limites em relação ao bloqueio da transmissão do vírus, que continua circulando com intensidade. As vacinas são especialmente efetivas na prevenção de casos graves. A preocupação com a possibilidade de surgimento de variantes com potencial de reduzir a efetividade das vacinas disponíveis é pertinente e não pode ser perdida de vista”.

Os pesquisadores recomendam que sejam mantidas as medidas de distanciamento físico, uso de máscaras, cuidados com a higiene das mãos e que a população não deixe de se vacinar, conforme o calendário dos municípios.

TAXA DE OCUPAÇÃO (%) DE LEITOS DE UTI COVID-19 PARA ADULTOS



TAXA DE OCUPAÇÃO (%) DE LEITOS DE UTI COVID-19 PARA ADULTOS



Alerta ■ Baixo ■ Médio ■ Crítico